

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Márcia Helena Medina Dias

O BOM PROFESSOR

Uma reflexão através das representações sociais e das memórias de
formação

Campinas

2009

i

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Márcia Helena Medina Dias

O BOM PROFESSOR

Uma reflexão através das representações sociais e das memórias de
formação

Monografia apresentada à Faculdade
de Educação da UNICAMP, como
exigência da conclusão do curso de
Especialização em Pesquisa e
Tecnologia na Prática Docente sob a
orientação da Professora Dr^a. Ângela
Fátima Soligo.

Campinas

2009

ii

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA	TCC
	DS43b
V:	EX:
Tombo:	4815
PROC:	134110
C:	D: x
PREÇO:	11,00
DATA:	05/05/10
CÓD TÍTULO	877146

© by Márcia Helena Medina Dias, 2009.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP
Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

Dias, Márcia Helena Medina
DS43b O bom professor : uma reflexão através das representações sociais e das memórias de formação / Márcia Helena Medina Dias. – Campinas, SP: [s.n.], 2009.
Orientador: Ângela Fátima Soligo.
Trabalho de conclusão de curso (especialização) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.
1. Formação de professores. 2. Autobiografia. 3. Práticas pedagógicas. 4. Pesquisa científica. 5. Representações sociais. I. Soligo, Ângela Fátima. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
09-406-8FE

Dedico este trabalho aos meus pais,
Beatriz e José Medina,
Ao meu amado esposo: Léo,
minhas filhas Heloísa e Letícia e
a todos os educadores comprometidos
com uma prática pedagógica que considera
o ser humano em sua essência e especificidades.

Agradecimentos

Agradeço, em especial, a Deus, fonte inesgotável de força e sabedoria.

Agradeço aos professores Drs. Afira Vianna Ripper, Maria Thereza Alexandre, Fátima Garcia, Jorge Megid, Guilherme do Val Toledo Prado e em especial à minha orientadora Dra. Ângela Fátima Soligo pela dedicação e por compartilhar seus conhecimentos.

Agradeço a todos os amigos que participaram direta ou indiretamente para a conclusão deste trabalho e também pela possibilidade de trocas de olhares e saberes, em especial à Prof^a Claudiana Muzetti por seu comprometimento com seus alunos e por seu companheirismo.

RESUMO

O modelo de bom professor depende dos vários papéis que ele exerce enquanto ser social e depende também dos papéis dos demais protagonistas da ação educativa, ou seja, depende da forma como o ideal de bom professor é construído socialmente dentro de um determinado contexto cultural.

Dentro dessa perspectiva é possível entender que um bom professor se constitui através de sua formação pessoal, dentro e fora da instituição denominada "escola", através de suas crenças pessoais a respeito da educação e do mundo.

Este trabalho descreve e analisa o percurso auto-hetero-bio-gráfico que me constituiu educadora e apresenta reflexões sobre as práticas de educadores que se constituíram "bons", segundo as representações que os alunos têm do bom professor..

A metodologia foi delineada a partir de observações, memórias da minha formação, relatos de experiências realizados no decorrer do curso e, principalmente, através de comparações entre as minhas representações sociais sobre o bom professor e as representações sociais apresentadas pelos colegas durante o curso, cujas práticas despertaram o meu interesse pelos assuntos estudados, metodologias utilizadas e resultados obtidos.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I.....	1
1.1- O BOM PROFESSOR	1
1.2- AS COMPETÊNCIAS DO BOM PROFESSOR.....	2
1.3- AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DO BOM PROFESSOR	4
CAPÍTULO II.....	9
2.1- A METODOLOGIA DE PESQUISA CIENTÍFICA	9
CAPÍTULO III	11
3.1- RECORDANDO A INFÂNCIA.....	11
3.2- CHEGANDO À ESCOLA – 1ª SÉRIE	13
3.3- CHEGANDO AO ENSINO MÉDIO	17
3.4- A UNIVERSIDADE.....	18
3.5- ESTUDANTE DO CURSO DE PEDAGOGIA.....	19
CAPÍTULO IV	22
4.1- SOU UMA PROFESSORA!	22
4.2- EDUCAÇÃO E COMPROMISSO SOCIAL	24
4.3- FORMAÇÃO CONTINUADA	28
CAPÍTULO V.....	30
5.1- NOVOS DESAFIOS – ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA	30
5.2- QUEM É, ENTÃO, O BOM PROFESSOR?.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
ANEXOS	43

CAPÍTULO I

1.1- O BOM PROFESSOR

Todos nós que passamos pela escola temos como apontar um ou outro professor que consideramos como “bom”. Mesmo assim, dificilmente haverá um consenso quanto aos professores considerados bons. Há sempre uma heterogeneidade quanto ao que cada pessoa considera como bom, a partir de sua história e experiências.

Ainda precisamos levar em conta as representações sociais do que é bom ou mau em nossa sociedade, considerando aspectos culturais e sociais na conceituação de bom e mau. Lembrando a história infantil dos três porquinhos em que o mal é o lobo, até conhecermos uma versão narrada por ele mesmo, em que tenta justificar suas ações por estar resfriado e que desejava simplesmente pedir um pouco de açúcar aos porquinhos. Essa segunda muda nosso conceito sobre o lobo mau.

Mesmo não podendo descrever uma forma ideal do “bom” professor que atenda a todos os anseios das diversas culturas torna-se necessário que façamos reflexões que busquem compreender o porquê e quando não se é um “bom” professor.

Atualmente, é considerado um bom professor aquele que consegue fazer com que o aluno aprenda a aprender de uma forma agradável e prazerosa.

Para o escritor Ruben Alves (2000), a escola ideal é aquela em que sejam cultivados a sabedoria de viver junto, a arte de pensar e o prazer de ler. Ele elabora um comparativo entre a escola e a cozinha, em que por mais bem equipada que esteja a cozinha, se o cozinheiro não sabe cozinhar ela não serve de nada.

Sinto-me feliz cozinhando. Não sou cozinheiro. Preparo pratos simples. Gosto de inventar. O que mais gosto de fazer são as sopas. Vaca atolada, sopa de fubá, sopa de abóbora com maracujá, sopa e berinjela, sopa da mandioquinha com manga, sopa de coentro... Você já ouviu falar em sopa de coentro? É sopa de portugueses pobres, deliciosa, com muito azeite e pão torrado. A sopa desce quente e, chegando no estômago, confirma... A culinária leva a gente bem próximo das feitiças. Como a Babette (A festa de Babette) e a Tita

(Como água para chocolate)... (Correio Popular, Caderno C, 19/03/2000.)

Segundo o escritor, a principal questão da escola é a formação do bom professor, pois de nada adianta toda a modernidade e tecnologia, ou as leis, se tudo isso não se realiza de forma que o educador seja motivado a construir uma escola diferente. Ele utiliza a metáfora da gaiola e do pássaro que quer ensinar a voar, compara a escola com a gaiola, onde os professores ficam aprisionados como pássaros a gaiola da grade curricular e o ensino torna-se o processo de repetição. O educador é formado dentro dessa perspectiva e, para se tornar agente de transformação é necessário que aprenda a voar. (Folha de S. Paulo, Tendências e debates, 05/12/2001).

Pelas reflexões que realizei, posso considerar que o modelo de bom professor depende dos vários papéis que ele exerce como ser social e depende também dos papéis dos demais protagonistas da ação educativa, ou seja, depende da forma como o ideal de bom professor é construído socialmente dentro de um determinado contexto sócio político cultural.

Dentro dessa perspectiva é possível entender que um bom professor se constitui através de sua formação pessoal, dentro e fora dos bancos escolares, através de suas crenças pessoais a respeito da educação e de mundo.

1.2- AS COMPETÊNCIAS DO BOM PROFESSOR

Durante muito tempo na história da educação do homem, confundiu-se ensinar com "passar a matéria" e, desta forma, o aluno era visto como um agente passivo da aprendizagem e o professor um transmissor do conhecimento que não se importava com as necessidades dos alunos. E mais uma vez, Rubem Alves escreve a respeito do professor e sua formação:

O educador, pelo menos o ideal que minha imaginação constrói habita um mundo em que a interioridade faz uma diferença, em que as pessoas se definem por suas visões, paixões, esperanças e horizontes utópicos (RUBEM ALVES, 1980).

A constituição dos chamados “sistemas nacionais de ensino” data de meados do século passado¹. Sua organização inspirou-se no princípio de que a educação é direito de todos e dever do Estado. O direito à educação decorria do tipo de sociedade correspondente aos interesses da nova classe que consolidara no poder: a burguesia. Tratava-se, pois, de construir uma sociedade democrática, de consolidar a democracia burguesa. Para superar a situação de opressão própria do “Antigo Regime”, e ascender a um tipo de sociedade fundada no contrato social celebrado “livremente” entre os indivíduos, era necessário vencer a barreira da ignorância. Só assim seria possível transformar os súditos em cidadãos, isto é, em indivíduos livres porque esclarecidos, ilustrados. [...] A escola é erigida, pois, no grande instrumento para converter os súditos em cidadãos [...] (SAVIANI, 1997, p. 17-18).

Acredita-se, hoje, que a aprendizagem não acontece senão pela transformação, pela mediação do professor, do processo de busca do conhecimento, que deve sempre partir dos interesses dos alunos.

Então o bom professor vai se constituindo como tal enquanto se constitui ser humano. E também como profissional que, em contato com as diversas teorias pedagógicas, consegue fazer reflexões sobre sua prática e as possibilidades de adotar práticas educativas que atendam às necessidades de aprendizagem de seus alunos, sabendo que todo esse processo não visa uma resposta definitiva, mas uma modificação constante sempre que sua prática não atinge seus objetivos.

Entendendo que toda a informação científica deve ser transformada e incorporada de maneira que possa interagir e não só se acumular os conhecimentos, o educador deve propor um discurso reflexivo, considerando a sua responsabilidade em permitir ao aluno interagir com o conhecimento, propiciando-se assim o contato com uma aprendizagem viva e real.

O ensino e a aprendizagem não podem ser tomados separadamente, pois sempre que se tem alguém ensinando há outro aprendendo

Amorim em “O pesquisador e o seu outro”, fazendo reflexões sobre a questão da discursividade, remete-nos à obra de Bakhtin e a célebre oposição entre discurso

¹ Para Saviani o século passado é o XIX, tendo em vista que a primeira publicação da obra aconteceu em 1944.

monológico e discurso dialógico. Monológico é o discurso de uma só voz, e dialógico ou polifônico, o discurso de múltiplas vozes:

Essa oposição tornou-se célebre principalmente pelo fato de que ela permite denunciar discursos dogmáticos, uma vez que todo discurso dogmático é necessariamente monológico, já que ele quer fazer com que se ouça nele apenas uma voz, isto é, a sua. Mas se todo discurso dogmático é monológico, todo discurso monológico não é necessariamente dogmático. Por exemplo, na situação em que Bakhtin mais desenvolve essa oposição é nela que distingue discurso romanesco de discurso poético, este último sendo fundamentalmente monológico e o primeiro, fundamentalmente dialógico. (AMORIM, 2001).

Pedro Demo afirma a importância de despertar o interesse científico no aluno escrevendo:

O aluno precisa abandonar, definitivamente, a condição de objeto de aprendizagem. Sua função não é copiar e reproduzir, mas reconstruir, construir, sob orientação do professor. Mais que ver muita coisa pela via da aula e sua cópia, deve tomar temas e aprofundá-los, exercitar aplicações do conhecimento, ensaiar deduções e induções, elaborar criativamente, argumentar com propriedade, pesquisar sistematicamente. Despertar interesse científico é desafio primordial para o professor, a escola e o sistema como tal. Para tanto, cabem eventos motivadores, como gincanas, concursos, feiras, nos quais o aluno é incitado a mostrar o que sabe e como intervém na realidade (PEDRO DEMO, 1994, p.87).

1.3- AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DO BOM PROFESSOR

Com esse trabalho pretendo refletir sobre a minha prática cotidiana e dos demais educadores com quem convivo e as competências para lidar com os desafios da instituição denominada "escola" e como essas competências podem influenciar ou comprometer a aprendizagem dos alunos.

Pretendo também refletir sobre as competências dos educadores que adotam práticas de metodologias de trabalho de pesquisa científica e como essas metodologias podem contribuir para uma prática educativa que permita a participação efetiva dos alunos.

Pretendo identificar quais as motivações e agentes culturais e sociais influenciam a formação do educador, uma vez que, um bom professor não se faz apenas nos bancos acadêmicos, mas contempla toda sua formação humana nas diversas esferas de interação.

Tomando por base a dimensão social da educação, pretendo compreender as competências do bom professor como um processo e sua influência nos ideais pedagógicos, buscando caminhos para a realização dos objetivos educacionais.

Cunha (1989) escreve que percebemos a determinação em não conceituar o que seja competência docente. Todavia a autora visualiza a competência quando diz que: "... o conceito de competência é multidimensional, dependendo do professor, dos alunos, da situação educacional e dos valores sociais que servem de base ao ajuizamento desta competência" (p. 16).

Nessa visão a competência é considerada como algo abrangente e dependente de vários fatores. Não se pode, pois, dogmatizar um conceito de competência, mas é possível identificar elementos dessa competência.

Naturalmente o ter domínio de conteúdos e dominar as estratégias para aplicação desses conteúdos se interligarão ao relacionamento afetivo entre o educador e o aluno.

Entendendo que toda competência profissional tem uma dimensão técnica que diz respeito ao conhecimento que os indivíduos devem possuir, aos métodos que devem estar proporcionando uma articulação desses conhecimentos ao contexto no qual se exerce a prática. Como se dá essa articulação entre o ser, os fazeres e saberes da ação educativa?

Arroyo falando sobre o "ofício de mestre", nos permite fazer reflexões sobre as metodologias utilizadas pelos mestres da educação do passado que deixaram suas marcas na prática dos educadores dos dias de hoje:

Falar do ofício de mestre pode nos remeter ao passado, superado para alguns. Passado-presente, no meu entender, a ser recuperado. O que importa é através dessa expressão – ofício de mestre – e do passado que carrega entender-nos como continuadores de um saber-fazer enraizado no passado, em uma história. Fazemos parte dessa história. Vamos nessa estrada acompanhados por muitos mestres das artes de educar. Identificar nosso

saber-fazer com essa memória poderá dar outra qualidade às lutas em defesa dos direitos profissionais (ARROYO, 2000).

Existe também uma dimensão política que diz respeito exatamente à visão crítica do profissional em relação ao seu papel.

Essa dimensão política o que é desejável com relação à atuação do educador, à direção dada ao seu saber na sociedade, à identificação dos fins de seu trabalho. Implica em conhecimento da realidade social e contextualização da sua prática educativa.

Cunha identifica esta dimensão quando afirma que o conceito de competência está localizado num contexto histórico-social:

"(...) não é fixo, mas se modifica conforme as necessidades dos seres humanos situados no tempo e no espaço" (p. 64).

Assim cabe ao bom professor perceber e reconhecer que a competência está ligada a um modelo de escola, de papel social definido pela sociedade como resultado de uma ideologia dominante.

A perspectiva técnica associa teoria e prática. O bom professor não pode ser qualificado de competente se não tiver também uma visão crítica de por que ensinar, para que ensinar, e qual o significado que tem esse ensinamento no contexto histórico social do qual faz parte, de que interesses se está a serviço.

É fundamental pensarmos sobre isso, porque só assim podemos nos colocar numa perspectiva de considerar boa ou má a prática do educador.

A dimensão política diz respeito ao compromisso que o educador ou o profissional assume. Já a sua competência diz respeito a um compromisso que vai ao encontro das necessidades concretas do contexto no qual ele exerce sua prática.

Cunha identifica esta dimensão quando afirma que o conceito de competência está localizado num contexto histórico-social

"(...) não é fixo, mas se modifica conforme as necessidades dos seres humanos situados no tempo e no espaço (p. 64).

Assim cabe ao bom professor perceber e reconhecer que a competência está ligada a um modelo de escola, de papel social definido pela sociedade como resultado de uma ideologia dominante.

Uma educação que não vá ao encontro das necessidades da nossa sociedade não pode ser chamada de competente.

Rios² toma como ponto de partida sua própria experiência para aprofundar as reflexões sobre as questões com que nos deparamos em nossa prática pedagógica. Sendo a educação um instrumento poderoso de transformação social que deve ter como um de seus objetivos o desenvolvimento de seres humanos aptos a contextualizações de vida com a sociedade. Através da educação que vai além dos conceitos éticos para a abordagem das buscas pelos fundamentos da própria existência e significado da vida, enquanto seres humanos que estão inseridos num meio e que desempenha papéis como educador, ela nos faz refletir sobre essa dimensão ética:

A reflexão ética faz-nos constatar que os valores estão presentes, tanto na técnica, que não é neutra, que responde a determinadas solicitações do social, quanto na política, que determina qual é o espaço do compromisso. (RIOS, 1994, p.130).

Existem, portanto, um caráter histórico e coletivo da competência do bom professor.

Sendo assim, destaco duas características da competência:

Em primeiro lugar a competência é construída historicamente, cotidianamente. Construída porque se mudam os valores, a cultura, os homens e muda também a noção de competência.

Ser bom educador hoje é diferente do que foi ser bom educador no passado.

Ser bom educador em um determinado contexto pode ser diferente de ser bom educador em outro. Desta forma a grande questão que se coloca quando se trata de refletirmos sobre o papel social do bom professor é: **qual é a noção de competência que serve ao nosso tempo, à nossa sociedade, à nossa escola?**

² Terezinha Azerêdo Rios é mestre em Educação, Professora do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC/SP.

O trabalho docente se caracteriza por um constante vaivém entre as tarefas cognoscitivas colocadas pelo professor e o nível de preparo de seus alunos para resolverem as tarefas propostas. Para isso o educador deve cuidar de apresentar os objetivos, os temas de estudos e as tarefas numa forma de comunicação compreensível e clara.

Analisando as competências e suas dimensões fiz observações durante o curso, refletindo, principalmente sobre duas questões centrais:

- a) Como se dá a formação do bom educador para a escola atual?
- b) De que maneira a aplicação da metodologia científica em projetos de pesquisa pode proporcionar um trabalho que envolva as relações sociais, atitudes de respeito ao outro, de solidariedade e liberdade?

CAPÍTULO II

2.1- A METODOLOGIA DE PESQUISA CIENTÍFICA

A professora Maria Thereza Alexandre do curso de Especialização em Pesquisa e Tecnologia na Prática Docente escreve sobre a metodologia de pesquisa científica:

*"tendo o eixo de pesquisa dos alunos estabelecido, enquanto professor-pesquisador, orientador-pesquisador pretendo abordar a problemática aqui especificada enquanto, juntamente com os alunos e professores, utilizando a metodologia de pesquisa científica que permite ao aluno ir além dos modelos que até então usava para explicar a realidade e perceber que esses modelos tornam insuficientes para responder aos questionamentos levantados".*³

Entendendo a importância do resgate das minhas próprias memórias que me constituíram educadora; aliando a essas as observações das ações dos alunos em sala de aula e fora da sala, em atividades extraclasse, brincadeiras no pátio, bem como os demais educadores que convivem comigo nas reuniões de pais, reuniões pedagógicas e através de pesquisa bibliográfica utilizando a biblioteca da escola e também da UNICAMP, bem como a INTERNET. Busquei elementos que me auxiliaram na coleta dos dados, análise, interpretação e sistematização dos mesmos de forma a tornar este trabalho não somente uma narrativa da minha história, mas uma reflexão visando identificar quais seriam minhas representações sociais de "bom professor" e compará-las às representações dos meus professores e colegas de curso, bem como com as representações dos autores com quem dialogamos.

Utilizando os recursos da pesquisa documental, procurei conhecer o Projeto Político Pedagógico da Escola, bem como outros documentos para identificar como as questões das práticas educativas são contempladas nos planejamentos da ação pedagógica dos educadores.

³ Alexandre, Maria Thereza. Doutoranda em Educação na FE/UNICAMP e professora dos Cursos de Extensão Projeto Ciência na Escola – Primeiros Passos LEIA / Unicamp.

Através de conversas informais e das apresentações de seminários realizados durante o curso; coletei dados sobre a prática de professores e alunos e as representações sociais do “bom professor”, objeto de estudo dessa pesquisa.

Passo então à escrita do meu “Memorial de Formação”, e sendo eu mesma a autora e personagem principal da minha história, defino e escolho o que vou escrever, procurando identificar os motivos que me levaram a tornar-me “educadora”, lembrando as orientações que recebi durante esse curso:

Ao narrar as coisas lembradas, os acontecimentos passados assumem várias matizes e nos desdobramos sobre a própria vida. Ao recordar, passamos a refletir sobre como compreendemos nossa própria história e a dos que nos cercam. Vamos nos inscrevendo numa história que não está mais distante e sim, impregnada das memórias que nos tomam e d qual muitos outros fazem parte (PRADO e SOLIGO, p. 06).

Procurarei dialogar com minha realidade, sabendo, porém, que esta realidade perpassará pelo meu imaginário, propondo possibilidades de diálogo com vários autores e demais personagens, bem como com o leitor que passa, a partir desse momento, a fazer parte também da minha história.

CAPÍTULO III

3.1- RECORDANDO A INFÂNCIA

Meus brinquedos

De repente
Ao lembrar dos brinquedos queridos
Que ficaram esquecidos
Dentro do armário
Me bate uma saudade
Me bate uma vontade
De voltar no tempo
De voltar ao passado
Mas nada acontece
Nada parece acontecer
E eu choro
Choro como o bebê que fui
E a criança que quero voltar a ser
Não quero crescer!

Clarice Pacheco

Trazer à memória lembranças da minha infância faz com que me remeta a muitos olhares e considere os diversos “eus” dentro de mim, faz-se assim um turbilhão de idéias. Não se trata apenas de um trabalho acadêmico, mas são recordações que me fazem refletir sobre minhas atitudes e as escolhas que fiz durante minha vida, que me constituíram quem sou nos meus diversos papéis sociais, mulher, educadora, mãe, esposa, amiga, filha, irmã, e recentemente um novo papel, orientadora pedagógica. Isso tudo me inquieta e me expõe.

Moran⁴ descreve como vê a relação dos vários sujeitos envolvidos numa mesma história:

⁴ José Manuel Moran é professor de Comunicação, Educação e Tecnologias.

Eu vejo o mundo de um jeito específico e me parece tão firme, tão claro, que imagino que o outro também deva enxergá-lo da mesma forma. Mas, ao falar com ele, fico surpreso quando, às vezes, não sou bem compreendido, quando não aceita imediatamente o que considero evidente. O que é claro para mim só é claro para mim. Não significa que o seja igualmente para o outro. O mundo que vejo não coincide com o que o outro vê. Pode ser parecido, mas não o mesmo. O mundo que vemos é, por um lado, orientado pela cultura, pela educação, pela religião e, por outro, pela nossa experiência pessoal, pelas nossas formas de interagir com o mundo, de comunicar-nos de forma aberta ou fechada, confiante ou desconfiada (MORAN, 2007, p.40-43).

Enquanto pensava nessas memórias, resolvi assistir um filme. Não é novo e a maioria das pessoas que conheço já assistiu: "A corrente do bem". Identifiquei-me com o personagem de Kevin Spacey, um professor que começa sua aula propondo um trabalho que faz pensar. A proposta do trabalho é: "É possível uma idéia mudar o mundo?".

Costumo dizer que meus braços e pernas não acompanham meus pensamentos. Sempre penso muito sobre muitas coisas e não sei bem quando isso começou... Acho que com meus pais que, embora não tivessem passado do 4º ano de escola, sempre proporcionaram situações favoráveis à leitura em casa. Lembro-me do meu pai lendo para mim e para minhas três irmãs "O Navio Negreiro", de Castro Alves, acho que era seu livro predileto, pois ele até declamava algumas partes decoradas.

Será que como os personagens de Castro Alves, eu também mantenho reféns pensamentos no navio das minhas lembranças? É necessário deixá-los livres para que possam expressar toda a beleza das situações felizes e nem sempre tão felizes que me fizeram escolher certos caminhos na aventura da vida.

Enquanto vasculhava minhas memórias, encontrei a foto mais antiga que jamais tinha visto. Na casa de meus pais, conheci meus bisavós paternos, os espanhóis Zoilo Galan Gutierrez e Aniana Galan (FOTOS 1 A 3).

Lembrei-me das brincadeiras da infância. Meu avô paterno era jardineiro e nas férias escolares nos levava para brincar enquanto fazia seu trabalho nos jardins das chácaras na região do Parque Taquaral em Campinas. Ia se, pré em companhia de minhas irmãs, primos e tios, que, por serem poucos anos mais velhos foram eles que me ensinaram a maioria das brincadeiras da infância, como transformar uma

árvore em nave espacial ou um terreno sem construção em um acampamento com barraca e fogueira para cozinhar os alimentos. Recordando-me das férias, lembrei-me também da primeira escola em que estudei, localizada em um bairro de periferia da cidade de Campinas, a Escola Estadual localizada no Jardim Santa Mônica transmitia aos seus alunos o orgulho de ter sido construída pelos soldados do Exército Brasileiro e ter sido inaugurada com o nome de "31 de Março" em homenagem aos heróis da Revolução da Democracia no ano de 1964. Cheguei ao bairro no mesmo ano em que cheguei à escola para cursar a 1ª série, 1970.

3.2- CHEGANDO À ESCOLA – 1ª SÉRIE

Meus Oito Anos

Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras,
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Casimiro de Abreu

Fui à escola somente aos seis anos de idade, para a 1ª série, pois minha mãe não concordava em colocar suas filhas no "prezinho", como ela dizia. Em um bairro da periferia de Campinas para onde havíamos nos mudado pouco antes que eu tivesse idade para ir à escola, o pré era ainda da Assistência Social e funcionava com uma parceria entre educadores sociais e a própria comunidade, onde as mães participavam doando seu trabalho algumas horas do dia. Minha mãe escolheu ensinar algumas coisas em casa mesmo, enquanto costurava e fazia os trabalhos domésticos. E acho que deu certo, pois tenho recordações dela, sentada à sua máquina de costura e eu com seus retalhos, botões e outros objetos tentando imitá-la e fazendo roupas para minhas bonecas. Ela diz que eu ficava durante horas me distraindo com aqueles objetos, brinquedos. Também me lembro das roupas que ela fazia para mim e para minhas irmãs, muitas vezes vestidos iguaiszinhos, pois eram

feitos com as sobras dos tecidos de suas freguesas, que lhe ofertavam por conhecerem o destino dos mesmos.

Fui uma aluna dedicada, gostava de estudar e “tirava” boas notas. Da escola mesmo, me lembro dos amigos, das aulas de Educação Física e também fazia parte do corpo coreográfico, participando de algumas apresentações. Gostava de esportes e, apesar de ser baixinha em comparação aos demais da minha turma, gostava de jogar vôlei e até me saía muito bem como levantadora do time. Lembro-me de algumas professoras também: a dona Marley, foi minha primeira professora, tinha um carro decavê e uma vez foi visitar-me em casa quando fiquei doente. Lembro-me da dona Ana, da 3ª série, ela era muito brava e ensinava Português, eu gostava muito das suas aulas. Lembro-me das peças teatrais que apresentei. Na terceira série, durante os ensaios de uma peça em que eu representaria uma carioca e iria apenas dançar havia decorado toda a fala da garota que faria o papel principal e quando perceberam que ela não conseguiria decorar tudo, trocaram nossos personagens, fato que causou manifesto de algumas de suas amigas, mais velhas, da 5ª e 6ª séries. Falaram comigo, imploraram para que eu não aceitasse, mas não dependia de mim... Os adultos resolveram e eu fui a menina pobre, protagonista de uma peça que apresentamos em um Festival que aconteceu no Círculo Militar de Campinas. Ainda me recordo da fala inicial da minha personagem: “- *Oh! Como estou cansada hoje, andei o dia todo à procura de um emprego. Mamãe? Coitada, já não agüento mais vê-la atrás de um tanque a lavar roupas. Por que uns são tão ricos e outros tão pobres? Por que eu não sou rica? Ah! Mas se eu fosse rica, iria conhecer o mundo inteiro...*” E então eu citava países de todo o mundo com suas características e depois caía num sono profundo e ficava “dormindo”, virada para a platéia e isso era muito difícil, pois tinha que manter meus olhos fechados enquanto as cenas de todos os países iam acontecendo no palco... Depois eu acordava e então era a vez de apresentar todos os Estados brasileiros e suas maravilhas... Sempre gostei de representar. Acho que isso também foi herdado do meu pai, que nos contava que estudou teatro com a famosa atriz Regina Duarte, quando eram bem jovens. E nos mostrava fotos representando suas peças (FOTOS 4 e 5).

Muitas são as cenas que se me apresentam enquanto tento recordar os primeiros anos escolares. Uma delas, bastante engraçada, é quando eu dava carona em minha bicicleta monark para uma amiga que morava em uma chácara, distante da escola. Foi lá também, em seu quintal, que aprendi muitas coisas que não faziam

parte do meu quintal. Sua mãe trabalhava fora e ela cuidava de seus dois irmãos mais novos, limpava a casa, fazia comida e um dia, eu a vi torrando café, isso mesmo! Pela primeira vez na vida eu soube como era o processo que trazia o pó de café até nossas casas. Já faz algum tempinho que perdemos contato, preciso procurar por ela...

Outras cenas marcantes foram as que passei ao lado dos meus vizinhos: a Sandra, que tinha a minha idade e seus irmãos, a Cristina e o Paulinho que eram dois e três anos mais velhos. A Cristina usava duas muletas, pois havia contraído poliomielite quando bebê, igual à minha mãe, só que minha mãe ficara apenas com uma perna paralisada, mas a Cristina não, ela ficou sem movimentos nas duas pernas. Sempre foi muito bonita e inteligente e íamos os quatro juntos para a escola. Várias vezes a Cristina tinha que voltar, principalmente quando chovia, pois o caminho até a escola, sem calçamento, se tornava escorregadio e ela caía, se sujando e então, voltava sozinha, enquanto seguíamos para a escola sem ela. Lembro-me de um dia em que ela, no meio da lama, não conseguia levantar e seus irmãos riam muito e ela também, mas eu fiquei muito brava porque não a ajudavam e bati no seu irmão. Acho que naquele dia, depois da briga, todos voltamos para casa...

As muletas da Cristina faziam parte das nossas brincadeiras, às vezes elas eram as paredes que separavam os cômodos da "casinha", outras vezes eram o microfone para nossas apresentações e outras ainda, quando ela deixava, nós tentávamos andar com elas, mas isso era raro, pois ela dizia que nós as entortávamos e depois ficava ruim de andar. Legal mesmo foi quando ela ganhou uma cadeira de rodas, pois às vezes, ela trocava de lugar comigo ou com a Sandra.

Numa dessas brincadeiras, ela pediu para que empurrássemos bem forte numa rua bem íngreme, uma ladeira mesmo. Só não contávamos que as manoplas iriam se soltar. Não conseguimos alcançar e a cadeira só parou em um barranco e a Cristina foi lançada ao chão, com força. Só me lembro que ao chegar a casa sobrou bronca das duas mães... (acho que nunca mais fizemos aquilo).

Mas houve uma vez que as muletas da Cristina me defenderam de uma garota ciumenta. Eu já estava na 5ª série. A menina cismou que o garoto pelo qual se apaixonara estava de olho em mim e, na saída da escola, ficou me ameaçando. A Cristina se equilibrou em uma muleta e erguendo a outra, gritou para a menina que

se mexesse comigo teria que se ver com ela também. A menina assustou-se e foi embora e nós duas demos muitas risadas até chegar a casa.

A Cristina queria estudar Direito e eu acho que ela se sairia muito bem, até como promotora. Não sei o que aconteceu, talvez naquela época ela não soubesse como ir atrás de suas oportunidades. Não estudou além do ensino médio. Ela se casou e teve três lindos filhos. Preciso ir visitá-la... Ela dizia que eu era a manda chuva das brincadeiras e que, à noite na rua, quando não queriam brincar do jeito que eu queria, eu pegava a minha bola e entrava, estragando a brincadeira. Mas disso eu não me lembro...

Estudei por oito anos na mesma escola. Recordo-me das lições que fazia na primeira série, a maioria exercícios para deixar a letra bonita, hoje eu sei que a professora procurava desenvolver minha coordenação motora. Então cada letra da cartilha "Caminho Suave" era copiada no caderno por muitas vezes. Tinha também as músicas que cantávamos enquanto desenhávamos um guarda-chuva: "chuva vai, chuva vem, chuva miúda não mata ninguém!". Havia também outras músicas como a do pastorzinho: "Havia um pastorzinho que saiu a "pastorar", saiu de sua casa e pôs-se a cantar do ré mi fá, fá, fá, do ré, do ré, ré, ré, so só fa mi, mi, mi, dó ré mi fá..." Hoje eu sei que a grafia correta é "pastorear".

Recordo-me também de um fato que aconteceu durante uma aula de Matemática, mas não me lembro do nome da professora. Eu estava na quinta série e avaliada como "forte" para a turma que frequentava, certa manhã, ao chegar à escola, fui encaminhada para uma turma mais forte. Cheguei e sentei-me na carteira em frente ao único menino que eu conhecia. Era dia de prova e eu ainda não havia aprendido os conteúdos solicitados. Virei minha cabeça para a única pessoa que eu conhecia naquela sala para perguntar como resolver um dos exercícios quando, rapidamente precisei abaixar-me para fugir da mira de um... "apagador". Infelizmente meu amigo foi atingido bem na testa e a única coisa "errada" que fizera foi tentar me explicar o exercício.

Recordo-me que expliquei à professora o motivo da "minha conversa", mas não me recordo do que aconteceu com o Bebê (seu nome era Roberto, mas era assim que eu o chamava...).

Havia outra professora que lançava objetos, era a professora de Artes, e às vezes, era o seu tamanco que passava voando para acertar alguém que "fazia bagunça" em sua aula. Lembro-me de um trabalho de artes que gostei muito de

fazer, foi uma tela que preenchi usando agulha e lã. A professora chamava de tapeçaria e depois minha mãe fez uma almofada.

3.3- CHEGANDO AO ENSINO MÉDIO

“Os passos estão se tornando mais nítidos. Um pouco mais próximos. Afora soam quase perto. Ainda mais. Agora mais perto do que poderiam estar de mim. No entanto continuam a se aproximar. Agora não estão mais perto, estão em mim. Vão me ultrapassar e prosseguir? É a minha esperança. Não sei mais com que sentido percebo distâncias. É que os passos agora não estão apenas próximos e pesados. Já não estão apenas em mim. Eu marcho com eles”.

(O recrutamento, Clarice Lispector)

Aos treze anos de idade, resolvi que queria trabalhar. Mas tinha que ser junto com minhas tias. “Como meu avô se casou duas vezes, meus tios têm quase a mesma idade que eu e duas irmãs de meu pai trabalhavam em uma padaria e eu achava aquilo “o máximo”.

Lembro-me de outra tia, irmã de minha mãe tentando convencê-la de que trabalhar aos treze anos era loucura, iria atrapalhar meus estudos. Não adiantou. No primeiro ano do Ensino Médio eu acordava às cinco horas da manhã, trabalhava até o quatorze horas e estudava à noite.

O trabalho não atrapalhou os estudos e ainda ajudava em casa com meu salário (FOTO 6).

No ensino médio eu já trabalhava e naquele ano de 1979 ou se optava pelo curso técnico ou cursava o ensino médio normal, mas tinha que fazer uma escolha pela área: humana, exata ou biológica. Eu escolhi a área de exatas. Os estudos de Matemática eram mais aprofundados e eu tinha uma disciplina que se chamava Desenho Técnico. Nunca entendi porque tinha que saber calcular o seno, cosseno e hipotenusa, dizia que jamais precisaria desse conhecimento, mas gostava de desenhar plantas baixas e compreendia muito bem as medidas e escalas, sem perceber a relação dos ângulos e os cálculos das aulas de matemática.

Tinha uma professora que dava aulas de Ciências, mas se mostrava muito distante dos alunos. Houve uma vez, final de ano em que eu fiz a mesma avaliação por mim e por uma colega de classe e a professora não percebeu. Mas foi só essa vez, por insistência de uma amiga que implorou, chorando para que eu me fizesse passar por ela e fizesse sua prova de recuperação senão ela repetiria o ano. Eu sabia que não era correto, mas tendo a certeza de que não poderia me fazer passar por outra pessoa, aproximei-me da professora e quando perguntou o meu nome, eu disse o nome da colega e ela, referindo-se a mim pelo nome que eu havia lhe falado, perguntou se eu já não teria feito aquela prova e quando respondi que não, ela apenas me entregou a folha com as questões. Ao final fui até a sua mesa, entreguei-lhe e ela corrigiu na hora, "nota oito". Minha colega me agradeceu e eu fiquei triste com o que havia feito, pois não tinha por hábito mentir.

Se hoje eu me lembrasse o nome dessa professora gostaria de procurá-la para pedir-lhe desculpas, pois, embora fosse apenas uma adolescente, com certeza minha atitude foi reprovável.

3.4- A UNIVERSIDADE

VERBO SER

Que vai ser quando crescer?
Vivem perguntando em redor. Que é ser?
É ter um corpo, um jeito, um nome?
Tenho os três. E sou?
Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome, corpo e jeito?
Ou a gente só principia a ser quando cresce?
É terrível, ser? Dói? É bom? É triste?
Ser; pronunciado tão depressa, e cabem tantas coisas?
Repito: Ser, Ser, Ser. Er. R.
Que vou ser quando crescer?
Sou obrigado a? Posso escolher?
Não dá para entender. Não vou ser.
Vou crescer assim mesmo.
Sem ser Esquecer.

Carlos Drummond de Andrade

A Universidade não fazia parte dos meus planos quando terminei o ensino médio. Naquela época, poucas pessoas em minha família haviam se formado em nível superior. Mas uma coisa eu sabia, não conseguia parar, fiz curso de datilografia, operação de telégrafo (é isso mesmo!), depois fiz curso de computação e aos vinte anos de idade fui fazer cursinho pré-vestibular. Na época trabalhava na Coca-Cola e juntamente com mais três amigas fomos nos preparar para prestar o vestibular. O curso escolhido foi: Administração de Empresas! Eu nem pensava em me tornar professora. Na época eu trabalhava como analista de treinamento, mas logo depois deixei a Universidade (por causa de um namoro... que se transformou em casamento dois anos mais tarde), fiquei noiva e comecei a pensar nos preparativos para o casamento. Enquanto isso respondi a um anúncio de jornal que exigia nível superior e experiência, enviei meu currículo e com vinte e dois anos de idade fui contratada por uma grande empresa por ter mais experiência do que os recém-formados na Universidade. Logo depois, quis voltar a estudar e, ouvindo o conselho de um dos diretores da empresa DPASCHOAL, onde eu trabalhava, fui cursar, então, Pedagogia, pois eu trabalhava com Treinamento de Pessoal e também alfabetização de funcionários. Amei o curso, me decepcionei com as colegas de classe. E isso dá outra história.

3.5- ESTUDANTE DO CURSO DE PEDAGOGIA

*Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso,
eu amo as gentes e amo o mundo.
É porque amo as pessoas e amo o mundo,
que eu brigo para que a justiça social se implante
antes da caridade.*

Paulo Freire

O ensino superior, essencialmente intelectualista por tradição, parece partir do pressuposto de que o jovem, ao chegar à universidade, já deve ter alcançado um grau de maturidade emocional e independência intelectual que desobrigam o professor de maiores cuidados tanto no que se refere aos processos metodológicos,

quanto ao que se refere às características do relacionamento sócio-afetivo que estabelece com seus alunos na sala de aula.

Cheguei ao banco da Pontifícia Universidade Católica de Campinas no ano de 1989, mesmo ano em que me casei e enquanto trabalhava na área de Recursos Humanos como analista de treinamento. Trabalhando no ramo corporativo tive a oportunidade de coordenar a educação de adultos, fazer programas de treinamento para funcionários e avaliar o desempenho após retorno nos mesmos, também participei de projetos para o desenvolvimento pessoal e profissional de adolescentes em uma Fundação, a EDUCAR que estava sendo implantada naquela época. E foi justamente ouvindo o conselho de um dos diretores do grupo DPASCHOAL que resolvi deixar o curso de Administração de Empresas para enveredar pelos caminhos da formação acadêmica para professores e especialistas. Formei-me, depois de transpor várias barreiras como o cansaço e o fato de ter sempre em meus relatos a lacuna da falta de experiência em sala de aula, entre outras, em 1992.

Tudo que eu havia vivenciado em empresas até então era trabalho em equipe e administração das sugestões e opiniões dos funcionários, inclusive valorizando as idéias que traziam benefícios e lucros através de um programa que premiava as melhores sugestões.

Identifiquei-me com as teorias da Educação Crítica que contestavam a educação tecnicista e competitiva através da qual eu havia me formado e encontrava significados em estudar as diversas teorias começando pela Tradicional, inspirada nas organizações militares e fabris que ainda hoje subsistem em muitas organizações escolares, sobretudo ao nível das práticas cotidianas.

Se na pedagogia tradicional a iniciativa cabia ao professor que era, ao mesmo tempo, o sujeito do processo, o elemento decisivo e decisório; se na pedagogia nova a iniciativa desloca-se para o aluno, situando-se o nervo da ação educativa na relação professor-aluno, portanto, relação interpessoal, intersubjetiva – na pedagogia tecnicista, o elemento principal passa a ser a organização racional dos meios, ocupando professor e aluno posição secundária, relegados que são à condição de executores de um processo cuja concepção, planejamento, coordenação e controle ficam a cargo de especialistas supostamente habilitados, neutros, objetivos, imparciais [...] (SAVIANI, 1997, p. 24).

Decepcionei-me com as posturas contraditórias dos educadores, colegas de classe, atuando em importantes colégios de nossa cidade. Tudo que vivíamos como “colegas” de classe eram a competição e o descaso com as que davam os primeiros passos, como eu e outras que não éramos da “área”. Nunca conseguimos ser realmente um grupo, alguns colegas desistiram no meio do caminho por não agüentarem as pressões, outros estiveram doentes, mas fiz verdadeiras amigas nos tempos da faculdade. Uma prevalece até hoje e podemos fazer, sempre que possível, longos diálogos, bastantes produtivos e cheios de reflexões sobre as teorias e nossas práticas enquanto educadoras. Essa amiga trabalha na Rede Municipal de Educação de Campinas e eu sempre a admirei e respeitei, não somente como amiga, mas também como educadora, comprometida com seu trabalho, verdadeira e cheia de vontade de buscar novas oportunidades de aprendizagem para seus alunos. Eu dizia que não seria professora, apenas iria me formar pedagoga para continuar meu trabalho em empresas. Ela me dizia que eu deveria trabalhar como professora dos cursos de formação para futuras professoras.

Não demorou muito e, no primeiro ano após ter me formado pedagoga, surgiu uma oportunidade para assumir todas as aulas de didática de um reconhecido curso de magistério na cidade de Paulínia. Pois a professora precisaria deixar as aulas no meio do ano letivo e, seriam todas minhas, um sonho... Recém formada e já com uma grade completa de aulas em curso de magistério de segundo grau? Deparei-me com o primeiro obstáculo, tive que fazer uma opção, e optei por educar eu mesma a minha primeira filha, que tinha então três meses de idade. Perdi as aulas, consciente de que perdera também uma grande oportunidade profissional.

Por sete anos delicieei-me sendo mãe e aprendia a cada dia com minhas filhas. Pois três anos depois do nascimento da primeira, tornei-me mãe novamente e nasceu minha segunda filha, e somente quando essa já estava com três anos de idade resolvi que, se conseguisse um salário bom, poderia me tornar professora.

Prestei um concurso público e fui bem classificada, mas não tão bem para não esperar por quase quatro anos para ser efetivada como professora da Rede Municipal de Educação de Campinas, no ano de 2004.

CAPÍTULO IV

4.1- *SOU UMA PROFESSORA!*

Eu sou um professor

Nasci no primeiro momento quando uma
pergunta saltou da boca de uma criança.
Tenho sido muitas pessoas em muitos lugares (...)
Eu sou também aqueles nomes e rostos que já
foram esquecidos, mas cujas lições e cujo caráter
serão para sempre lembrados nas
realizações dos que educaram...

John W. Schlatter

No ano de 2000 fui contratada como professora substituta pela rede municipal de Campinas para trabalhar com uma classe de 2ª série onde havia um histórico de indisciplina por haver ocorrido muitas trocas de professores no mesmo ano. Foi minha primeira experiência como regente de uma sala com mais de 30 alunos. Como professora polivalente o maior desafio foi conquistar a confiança daqueles alunos para que o ambiente fosse menos agressivo e não acontecessem tantas brigas. Conquistei-os através do respeito e do conhecimento da realidade de cada um. Quanto à proposta pedagógica, tentava descobrir o que os professores mais experientes vinham fazendo, mas infelizmente encontrei certa resistência das colegas que trocavam atividades entre si, mas não se interessavam em me incluir no grupo, nem mesmo pelas atividades que eu tentava compartilhar. Então, influenciada pelas leituras e estudos que fazia, me aprofundando nas teorias de Paulo Freire sobre uma pedagogia voltada para a realidade do educando, considerando-o sujeito não somente do seu fazer, mas principalmente do seu pensar, busquei meu próprio caminho e sempre propunha atividades que faziam pensar, sem dar as respostas prontas, o que causava certa resistência dos alunos, pois não estavam acostumados a desafios. Quando por exemplo propunha uma questão matemática e eles me perguntavam “é de mais ou de menos?” e eu

respondia que deveriam descobrir, lendo e entendendo a questão proposta, alguns se mostravam nervosos e insistiam na resposta pronta. Com o tempo foram se habituando a pensar e ficavam animados quando descobriam, por conta própria, como fazer para resolver as questões e cada vez mais aceitavam novos desafios e as brigas foram se tornando menos freqüentes. Eu tinha consciência de que não poderia dar conta da defasagem de aprendizagem ali encontrada, pelo pouco tempo que ficaria com eles, de setembro a dezembro, e também pela minha falta de experiência com diversos níveis de aprendizagem na mesma sala. Resolvi, então, que seria melhor motivá-los para a vida de estudos para que no próximo ano os resultados pudessem ser melhores. Foi o que fiz, propunha constantemente atividades em grupos que facilitavam a participação de todos e assim foram se envolvendo cada vez mais no processo de ensino-aprendizagem. Sempre lia notícias de jornais, revistas e histórias, incentivando-os a fazer dramatizações das mesmas, o que tornava sua participação cada vez mais efetiva. Ao final do ano, apesar do pouco tempo de convivência, nos tornamos amigos e nos despedimos em meio à festa e presentes. Tenho até hoje uma planta exótica que ganhei e replantei.

Todos os anos, no mês de novembro ou dezembro, ela floresce dando uma única flor vermelha que se parece com uma bola de enfeitar árvore de natal, então me recorda daquela que foi minha primeira turma de alunos e que tanto me ensinou.

Foi nessa primeira experiência que pude colocar em prática as teorias que, naquela época estavam sendo muito discutidas e que formavam o Construtivismo.

Lia e estudava Emílio Ferreira, Constance Kamii, Piaget, Vygotsky e outros, procurando conhecer mais sobre alfabetização a partir do conhecimento dos alunos, rompendo com todo tipo de prática tecnicista e da educação centrada no saber do educador, concordando com Emília Ferreira quando escreve que a criança pensa:

"... A minha contribuição foi encontrar uma explicação segundo a qual, por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa"

As teorias desenvolvidas por Emília Ferreira e seus colaboradores deixam de fundamentar-se em concepções mecanicistas sobre o processo de alfabetização, para seguir os pressupostos construtivistas / interacionistas de Vygotsky e Piaget.

Do ato de ensinar, o processo desloca-se para o ato de aprender por meio da construção de um conhecimento que é realizado pelo educando, que passa a ser visto como um agente e não como um ser passivo que recebe e absorve o que lhe é ensinado.

Na perspectiva dos trabalhos desenvolvidos por Ferreira, os conceitos de prontidão, imaturidade, habilidades motoras e perceptuais, deixam de ter sentido isoladamente como costumam ser trabalhados pelos professores. Estimular aspectos motores, cognitivos e afetivos, são importantes, mas, vinculados ao contexto da realidade sócio-cultural dos alunos.

O problema que tanto atormenta os professores que é o dos diferentes níveis em que normalmente os alunos se encontram e vão se desenvolvendo durante o processo de alfabetização, assume importante papel, já que a interação entre eles é fator de suma importância para o desenvolvimento do processo.

Os níveis estruturais da linguagem escrita podem explicar as diferenças individuais e os diferentes ritmos dos alunos.

4.2- EDUCAÇÃO E COMPROMISSO SOCIAL

*"Eu gostaria de ser lembrado como alguém que amou o mundo,
as pessoas, os bichos, as árvores, a terra, a água, a vida."*

(Paulo Freire)

No ano seguinte escolhi uma sala de 4ª série em uma entidade assistencial onde os alunos eram meninos e meninas que haviam sido encaminhados pelo juiz da vara da infância por se encontrarem em situações de risco junto às suas famílias. Ali, naquela realidade, foi necessário repensar as teorias aprendidas na universidade dentro de um contexto bastante diferenciado onde os alunos apresentavam baixa auto-estima, o que os tornava agressivos ou, em alguns casos, apáticos; o que era verbalizado da seguinte forma: "viver ou morrer, tanto faz". Lembro-me de uma ocasião em que uma adolescente bem maior do que eu gritou quando lhe entreguei o caderno corrigido e, pensando por alguns segundos, resolvi responder da mesma forma, gritando sem dizer palavra alguma. E ela então ficou admirada e olhou-me diretamente nos olhos, foi quando eu pude lhe dizer que se usasse palavras para se comunicar seria possível que eu a entendesse, mas os ruídos produzidos pelos seus gritos não eram compreendidos por mim, ao que ela explicou que queria que eu usasse caneta vermelha para fazer as correções e então lhe respondi que usava

diversas cores e que poderíamos combinar a cor preferida, se isso fosse importante para ela. Arrisquei-me, sabia que poderia até ter levado um tapa, mas valeu à pena, ganhei a confiança daquela adolescente que se mostrou bastante interessada e apresentou bom desempenho escolar.

Os problemas emocionais e traumas eram muitos, havia ali meninas que tinham presenciado a morte de seus pais por problemas referentes ao tráfico de drogas e vítimas dos mais diversos tipos de violência, inclusive abuso sexual era bastante comum.

Certa vez, durante uma aula sobre meio ambiente quando me referia ao lixo, os alunos começaram a rir e a apontar para um garoto que estava então com quatorze anos. Quando questionei o porquê das risadas, me disseram que ele comeria lixo para sobreviver quando era bebê. Questionando-o sobre o fato, o próprio garoto relatou que havia sido abandonado pela mãe, em uma lata de lixo. Nesse ponto, a aula tomou novo rumo e passamos a conversar sobre como um bebê não tem condições de se alimentar sozinho e precisa ser cuidado por adultos. Portanto se estava vivo era porque fora encontrado e logo retirado daquele local. Disse a ele que se alguém lhe dissesse que fora jogado no lixo deveria responder que fora encontrado e por isso estava vivo e que deveria ser grato por esta oportunidade. Logo depois me perguntou se eu achava que ele deveria perdoar sua mãe e então conversamos sobre os motivos que poderiam levar alguém a abandonar o próprio filho. Logo ele concluiu que poderia perdoá-la, mas que gostaria muito de ter um lar. Com os meninos desta turma ensaiamos um rap sobre pichação e eles fizeram apresentação usando as mãos e o corpo como percussão. Foi um ano com muitas dificuldades pelo difícil acesso ao local que ficava muito afastado e cuja única estrada não era asfaltada, bem como pelas práticas bastante tradicionais e autoritárias da direção daquela escola. Certa ocasião, um garoto com treze anos de idade, que era bastante agressivo e vivia se envolvendo em brigas confessou-me que não sabia ler e que eu não conseguiria ensiná-lo, pois ninguém havia conseguido. Respondi-lhe que se realmente quisesse, eu poderia ajudá-lo. Quando coloquei um jogo com letras em sua mesa para ajudá-lo a identificar os sons das mesmas, ele jogou-as ao chão dizendo-me que aquilo era coisa de primeira série. Todos ficaram olhando-me e alguns me ajudaram a recolher as peças do chão. Depois de várias tentativas, erros e acertos, ele aprendeu a ler e a escrever.

Infelizmente, alguns anos mais tarde tomei conhecimento de que havia fugido e que fora assassinado por traficantes, aos quinze anos de idade.

Eu e as outras três professoras contratadas pela Prefeitura tivemos que nos unir para vencer todas as barreiras que se nos apresentaram naquele ano de 2001, pois precisávamos do salário mais do que daquelas experiências tão diferenciadas, mas chegamos ao final daquele ano com algumas vitórias e, com certeza, com muito mais experiência.

Em 2002, fui trabalhar em um colégio particular onde sempre contava algumas histórias das crianças abandonadas por suas famílias ou retiradas das mesmas pela vara da infância para que meus alunos valorizassem a família e as oportunidades que tinham. Neste colégio, trabalhava com sistema de apostilas e, mais uma vez precisei encontrar meios de tornar minhas aulas atrativas e motivadoras. Fazia isso através das histórias que contava e lia e das experiências que trocávamos no dia-a-dia. Um dos projetos mais interessantes que fizemos foi o "pequenos escritores", onde, depois de conhecermos e trabalharmos os contos clássicos, cada aluno das duas turmas de 3ª série fez sua releitura e publicamos um livro com as produções realizadas. No cotidiano escolar sentia que a cada dia as distâncias entre teoria e prática iam se aproximando para que meus objetivos enquanto educadora fossem alcançados. E meu desejo diário sempre foi o de tornar o ambiente escolar alegre e propício a novas descobertas. Nessa ocasião eu tinha também uma turma de 4ª série e trabalhava com aulas de reforço escolar para os alunos de 1ª série, o que me deu a oportunidade de efetivamente trabalhar com o letramento e ir conhecendo, na prática, as várias fases do processo de leitura e escrita.

Nessa época sempre participava do Congresso SABER, em São Paulo, onde procurava aprender coisas novas através das várias oficinas e palestras, buscando sempre aperfeiçoar minha prática em sala de aula. Tive a oportunidade de participar também de congressos de Escolas Cristãs e conheci a Educação por Princípios, que tem muito a ver com meu jeito de ser, com a pessoa e professora que me tornei. Sempre questionando o porquê das atitudes e dos comportamentos dos meus alunos, procurando conhecê-los e muito mais, incentivando-os a pensar sobre seus questionamentos e atitudes diárias. Isso para mim é a práxis que ouvi falar na Universidade, nada é mais dinâmico e vivo do que a interação com as pessoas que fazem parte do nosso cotidiano e o pensar sobre nossa prática diária, tendo a

oportunidade de rever sempre e modificar nosso modo de entender e interagir com os fatos que nos cercam.

Foi neste contexto de escola particular que conheci um garoto extremamente inteligente, ao mesmo tempo em que se mostrava extremamente agressivo. Era meu aluno, mas se apresentava sempre inatingível, evitando sempre dialogar. Nessa época comecei a fazer cursos como aluna especial nos cursos de graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP. Como aluna da disciplina Temas Transversais em Educação comecei a fazer observações e registros sobre sexualidade, assunto constante do currículo de 4ª série. O curso também contemplava outros assuntos como artes, meio-ambiente, diversidade étnica e cultural, entre outros. Observando os alunos produzirem um desenho que estamparia o presente para o “Dia das Mães”, percebi que os desenhos dos alunos eram coloridos e alegres, mas o daquele aluno, em especial, era escuro e, aos meus olhos, parecia uma cena onde alguém estaria tentando matar outra pessoa. Ainda bem que, em vez de fazer minha interpretação, perguntei ao aluno o que havia desenhado, e ele me respondeu: “Isso é um pódio, acima está meu pai com um troféu na mão, no segundo lugar está minha mãe”, então, aqui me adiantei: “Ah! O outro é você!”, ao que continuou sua explicação: “Não, esse é meu irmão”. Então lhe disse: “Onde você está?” “O pódio só tem três lugares, não há lugar pra mim”. Então compreendi o que se passava com aquele garoto, cujo pai era militar e não proporcionava oportunidades para que pudesse expressar suas idéias. Seria esse pai também um reprodutor da Educação Tradicional onde o autoritarismo dos adultos prevalecia, sem considerar o pensar e o agir das crianças, consideradas desprovidas dessas capacidades? Para resumir, esse foi o desenho que sua mãe recebeu e meu desejo é que, assim como eu, ela também tenha questionado o autor antes de fazer suas interpretações a respeito do mesmo.

Como professora de ensino fundamental, fiz diversos cursos, inclusive de capacitação e extensão em sexualidade humana. Interesse-me principalmente pelas questões relacionadas ao desenvolvimento humano no ambiente educacional, talvez por estar diretamente ligado à minha prática profissional anterior, em empresas, por vários anos, onde sempre tínhamos como enfoque a motivação dos funcionários.

Transferi esse conhecimento para minha prática em sala de aula e me sentia, de certa forma, privilegiada pela formação tão variada e com diversas experiências que me permitiam olhar a educação com outros olhos. Sou entusiasmada por tudo

que é experimentar, vivenciar, aprender, amo pessoas. Então enquanto muitos colegas se mostravam desanimados e desmotivados, eu vibrava com cada gesto, cada olhar e cada atitude em direção ao novo dos meus alunos. Talvez essa tenha sido a maior vantagem de ter “me tornado” professora em meio a minha caminhada profissional.

4.3- FORMAÇÃO CONTINUADA

Palavras sobre a guerra,
de pessoas que estiveram numa guerra,
são sempre interessantes;
palavras sobre a lua,
de um poeta que nunca esteve na lua,
têm toda a probabilidade de serem enfadonhas.

Mark Twain

No ano de 2004 fui efetivada como professora da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Campinas e escolhi uma sala de 3ª série. No ano seguinte, trabalhando juntamente com outra professora, resolvemos trabalhar por áreas, com duas turmas de 4ª séries. Éramos também parceiras no Projeto de Orientação Sexual, no qual trabalhávamos com nossas turmas e também com alunos das 5ªs a 8ªs séries no contra turno, participando sempre e levando também nossos alunos a encontros e seminários municipais.

Acreditando que o segredo para o sucesso da vida escolar dependia do desejo de aprender e procurando conhecer novas formas de exercer meu trabalho, no ano de 2008, comecei a frequentar o Curso de “Especialização em Pesquisa e Tecnologia na Prática Docente” e passei a compreender a metodologia de projetos de pesquisa. Essa forma de trabalho proporciona a participação efetiva dos alunos no processo educativo. Juntamente com meus alunos de seis anos de idade, do 1ª ano, estudamos o que é pesquisa e escolhemos o tema Meio Ambiente, a Preservação da Água. Fizemos observações, entrevistas, construímos filtros e maquetes, fizemos mais observações e até uma trilha da mata do Parque Ecológico Monsenhor José Salim em Campinas para observarmos uma nascente de água. O

trabalho ocorreu durante todo o ano de 2008, no princípio um pouco tímido, pois era minha primeira turma de alfabetização e meus primeiros passos pelo método de pesquisa científica com crianças. Mas o caminho foi bastante interessante e curioso, com participação efetiva de todos os alunos e a oportunidade de apresentarmos nosso trabalho na Feira de Ciências realizada no final daquele ano. Como resultado desse trabalho consegui aperfeiçoar minha prática, com a utilização das novas tecnologias aplicadas à educação, produzindo pôsteres, vídeos, histórias em quadrinhos, apresentando os resultados das pesquisas realizadas com as crianças que participaram do Projeto (FOTOS 7 a 10).

CAPÍTULO V

5.1- NOVOS DESAFIOS – ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

"... Nunca sofra por não ser uma coisa ou por sê-la..."
(*Perto do Coração Selvagem* - p.55)

Clarice Lispector

Em 2009, quando daria continuidade aos projetos em sala de aula, prestei novamente concurso público e no mês de abril, assumi a função de orientadora pedagógica em duas unidades de ensino da Rede Municipal de Campinas, um CEMEI que atende crianças com idade de zero a seis anos e uma EMEI que atende crianças de três a seis anos de idade. Mais uma vez, me deparei com um novo desafio: compreender o cuidar e educar na Educação Infantil.

Participando de reuniões de formação com as demais orientadoras e coordenadoras pedagógicas da Secretaria Municipal de Educação de Campinas, tenho tido a oportunidade de ampliar os estudos que estamos realizando no curso de Especialização, bem como também procurando socializar com os grupos de professores e agentes de educação infantil com os quais trabalho, nas duas unidades de ensino, os estudos e as novas tecnologias, o que vem auxiliando os registros dos trabalhos realizados juntos aos alunos ou os eventos realizados junto às comunidades onde estão inseridas.

Outro dia, enquanto procurava alguns textos que tratavam do papel profissional do educador na educação infantil e através de uma frase: *"Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também que as palavras fazem coisas conosco"* fui pesquisar obras do autor Jorge Larrosa Bandia. Li o texto ***Notas sobre a experiência e o saber da experiência***⁵ e fiquei pensando que esse texto tem tudo a ver com o que estávamos trabalhando na disciplina Narrativas Pedagógicas sob a orientação do Professor Guilherme. Larrosa (2001) faz uma reflexão sobre a importância da

⁵ Palestra proferida no 13º COLE-Congresso de Leitura do Brasil, realizado na Unicamp, Campinas/SP, no período de 17 a 20 de julho de 2001.

palavra "experiência" a partir do seu significado e a relaciona com os acontecimentos citando uma frase de Walter Benjamin: *"Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara"*.

De fato, concordo com o educador espanhol quando escreve que a cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Numa sociedade reconhecida como da informação, qual o tempo que temos dedicado aos acontecimentos? Numa sociedade constituída sob o signo da informação como tornar a experiência algo possível e valorizado? Eu mesma me encontro frente ao desafio de, enquanto educadora, continuar a observar o cotidiano escolar, buscar diálogos com diversos autores, principalmente porque me propus novamente um caminho novo, o da educação de crianças de zero a seis anos de idade, e fora da sala da aula. Nos acontecimentos, como professora do ensino fundamental, fiquei curiosa, ousei querer conhecer o que se passava com os alunos antes que chegassem ao ensino fundamental. Agora me vejo buscando o conhecimento que é, essencialmente a ciência e a tecnologia, algo infinito que somente pode crescer e mudar a todo instante, mas que está posto e do qual devemos nos apropriar. Mas a vida também contempla a sua dimensão biológica, à satisfação das necessidades, à sobrevivência dos indivíduos e da sociedade.

Segundo Larrosa, se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com elaboração do sentido ou do sem-sentido do que acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular. A proposta do nosso curso nos permite viajar pelo território das experiências e nos deliciarmos com as possibilidades de refletirmos sobre nossas próprias práticas educativas e a partir dessas reflexões encontrar sentido para nos expormos à novas experiências... e quem sabe...sermos transformados por tais experiências, pois somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.

Sendo assim dialogar com outros autores, aprofundar-me nas experiências dos olhares e dos saberes contempladas nas obras de Foucault e Deleuze que, além de serem extremamente inovadoras, mexem profundamente em teorias e conceitos, revolucionando verdades estabelecidas. Eles foram para o campo de batalha. Adotaram a ética como estética da existência profundamente comprometida com a sociedade, fizeram muitas manifestações e protestos contra a dominação e a favor das minorias.

Concentrando-me nas metodologias utilizadas pelos educadores, através de entrevistas, observações, registros das conversas que tive com cada educador, bem como através de diálogos com alunos, busquei em cada olhar, em cada atitude, as representações sociais do bom professor na escola de hoje.

Até o ano passado, como professora dos anos iniciais do ensino fundamental, conseguia transmitir a motivação e alegria em estar com meus alunos para os meus colegas educadores, agora busco descobrir um caminho para que os profissionais sob minha orientação encontrem significados em suas experiências para ousar por caminhos de propostas pedagógicas significativas e motivadoras.

Lembro-me de uma ilustração que conta a façanha de alguém, dotado de todo poder que, para salvar vários pássaros de um incêndio, transformou-se também num pássaro, entrou na sala em chamas e conduziu todos os demais através de uma pequena saída pelo teto.

É dessa forma que me encontro hoje, sinto-me parte de um grupo de seres, educadores, e proponho que as alternativas de soluções para os problemas que a educação no Brasil enfrenta nos dias de hoje sejam discutidas e encontradas numa ação coletiva com todos os envolvidos. São apenas reflexões, mas sei que podemos encontrar respostas...

Essas respostas passam pelas reflexões sobre qual é a escola que desejamos e para quem a desejamos? Quem são os sujeitos dessa escola?

5.2- QUEM É, ENTÃO, O BOM PROFESSOR?

A consciência é o melhor livro de moral e o que menos se consulta.

Blaise Pascal

Os estudos sobre os sete saberes necessários à educação do futuro de Edgar Morin (2000) e as representações sociais entendendo que a memória e as experiências relatadas proporcionam reflexões sobre as formas de representações sociais e as possibilidades de mudanças, entendendo a memória *“como um processo que, fazendo referência a um passado vivido / imaginado, revela as formas como representamos, construímos, ressignificamos, no presente, fragmentos do que acreditamos pertencer ao nosso passado”* (MOSCOVIVI, 1993, apud SOLIGO, PEREIRA e LEITE, 2006, p. 56) me ajudaram a refletir sobre o quanto as práticas

dos educadores participantes do curso foram modificadas no decorrer desses últimos dois anos.

Apresentando um trabalho sobre as representações sociais do bom professor, através de uma entrevista aberta, foram consideradas as seguintes respostas:

"O bom professor sou eu, que tento trabalhar no coletivo, que pensa na organização do currículo/planejamento a partir da turma com quem vou trabalhar, que tem como norte a avaliação que (re) oriente meu trabalho profissional com afetividade".

"O bom professor é aquele que possibilita que o aluno aprenda"

"O bom professor é aquele que consegue aproximar-se de seus alunos com olhar de alguém que vê nele o objeto de sua profissão. Aquele que conhece seu conteúdo programático e mais que isso, consegue um vínculo com o corpo discente capaz de transpor a ponte entre os saber e não-saber. Enfim é aquele que consegue ver completo o ato de ensinar nos olhos daquele que aprende".

"Bom professor não é o que ensina, mas o que faz com que os alunos construam os seus saberes e o seu conhecimento. Bom professor não é o que ensina o que fazer, mas orienta os alunos nos seus fazeres".

"Bom professor é aquele que se envolve com as aprendizagens de seus alunos, proporcionando-lhes oportunidades para o desenvolvimento dos seus saberes e a construção dos seus conhecimentos".

"Bom professor é aquele que percebe os alunos na sua subjetividade e diferenças".

"Bom professor é aquele que na sua prática apresenta: amor, afetividade pelo que faz e pelos alunos, motivação, energia, necessidade do contato com o novo saber, criatividade na elaboração das aulas/atividades e tem paciência, muuuuuita paciência".

Através dessa amostra das representações sociais do bom professor pude observar que esses educadores compreendem e refletem sobre sua prática através de um comprometimento revestido de responsabilidade que extrapola a mera transmissão de conhecimento e de métodos de investigação da realidade. É a reflexão como atitude do profissional da educação que tem uma postura crítica, que questiona suas crenças, valores, parâmetros de conduta e até mesmo sua própria formação, buscando sempre novas possibilidades para exercer a sua prática.

Recorrendo às minhas memórias, busco agora identificar quais foram as representações sociais sobre o bom professor que se fizeram presentes durante os anos em que estive freqüentando a escola, como aluna. Os relatos neste trabalho demonstram algumas características dos meus professores que se destacaram, tornando-os para mim, "bons professores" e passo a descrever essas características:

"Afetividade, relacionamento extraclasse",

"Brava, mas ensinava muito bem o Português".

"Atividades extracurriculares como artes, teatro e apresentações de danças"

"Conhecer os alunos"

"Relacionar os conteúdos com elementos significativos da vida do aluno"

"Leitura de notícias de jornais, revistas e histórias"

"Incentivar as dramatizações para uma participação mais efetiva"

"Envolver a todos no processo de ensino aprendizagem"

A partir do momento em que me tornei uma educadora, procurei, ao longo dos anos, desenvolver atitudes de comprometimento com a realidade dos meus alunos e buscar conhecimentos para tornar minha prática mais significativa e prazerosa. Em todos os momentos deparei-me com a questão do relacionamento com o aluno e com seu meio social. Após ter percorrido a trajetória da minha vida até o momento que vou denominar "hoje", posso identificar, tanto na minha prática, como nas práticas dos colegas educadores com quem dialoguei e que cito também em meus relatos, as seguintes características:

"Comprometimento com o trabalho"

"Verdadeira, com vontade de buscar novas oportunidades e aprendizagens"

"Conquistar a confiança dos alunos"

"Respeito aos alunos"

"Conhecimento da realidade de cada um"

"Prática voltada à realidade do aluno"

"Considerar o aluno como sujeito do se fazer e do seu pensar"

"Propor atividades que fazem pensar"

"Propor constantemente atividades em grupos"

"Conquistar a confiança"

"Tornar as aulas atrativas e motivadoras"

"Contar histórias e ler histórias"

"Experiências trocadas no dia a dia"

"Aproximação entre teoria e prática"

"Desejo de tornar o ambiente escolar alegre e propício a novas descobertas"

"Questionamentos dos porquês das atitudes e comportamentos dos alunos"

"Incentivar a pensar sobre os questionamentos e atitudes"

"Fazer cursos e transferir os conhecimentos adquiridos para a prática"

"Educador entusiasmado por experimentar, vivenciar, aprender"

"Compreender e utilizar metodologia de projetos de pesquisa"

Mas afinal, quem é, então, o bom professor?

Podemos identificar o "bom professor" por suas características pessoais e por suas práticas educativas. Nesse aspecto é interessante notar que as características apontadas tanto por alunos (eu mesma, enquanto tal) como por professores, nos fazem considerar como sendo as mesmas, elementos importantes a serem desenvolvidos na formação e desenvolvimento das competências do bom professor em seus aspectos técnicos, considerando os conhecimentos adquiridos através da formação contínua como também em seus aspectos políticos sociais, considerando sua formação integral e multidimensional.

A competência do bom professor estimula a criatividade e a participação efetiva de seus alunos no processo educativo. Para exemplificar passo a relatar um "acontecimento" de aula que foi bastante enriquecedor e que ocorreu durante o nosso curso, numa manhã de um sábado, neste ano de 2009.

Marcamos uma aula para aplicar as técnicas de fotografias aprendidas e registrar cenas na UNICAMP, testando todos os recursos fotográficos que nos haviam sido apresentados.

O tema era livre e ao retornarmos para a sala de aula, pudemos dialogar sobre as nossas experiências. O diálogo foi muito bem orientado pela professora Maria de Fátima Garcia e pela monitora Eneida, que também filmou os diálogos. Procuramos então um tema para o nosso trabalho. Escolhemos: "Olhares Nômades".

Ouvindo os depoimentos dos colegas, fiquei refletindo sobre o prazer que todos demonstravam em relatar aquela experiência. Então fiz uma comparação com nossas aulas e nossos alunos. Embora eu tivesse utilizado um celular, que não era o equipamento apropriado para aquela tarefa, uma vez que a mesma deveria ter sido realizada com uma câmera fotográfica com recursos para produzir um trabalho de boa qualidade, senti-me totalmente envolvida pela proposta apresentada.

Comparei aqueles momentos com as aulas que, muitas vezes, proporcionamos aos nossos alunos e concluí que, mesmo que as instalações físicas ou os instrumentos utilizados não sejam os mais sofisticados, mesmo que não tenhamos à nossa disposição toda a tecnologia de que gostaríamos, havendo o desejo e o envolvimento do grupo, podemos ter momentos prazerosos e com muitas aprendizagens.

Anotando as reflexões dos colegas, bem como as minhas próprias, escrevi a nossa experiência em forma de poesia, a qual transcrevo abaixo:

Olhares nômades

*Olhares sonolentos,
Olhares curiosos;
Olhares esperançosos...
OLHARES NÔMADES.
Na saída, a euforia...
Pelos espaços da UNICAMP
Cada um com seu olhar, nômade.
Dentro, fora,
Perto, longe,
Imagens vivas, ou arquitetura (morta?)
Natureza viva, natureza intrínseca, rizoma...
No retorno, muitas emoções... muitos olhares, nômades...
Olhares procuraram por seres vivos, encontraram o ninho das corujas,
Outros olhares não quiseram registrar a vida, procuraram por espaços a serem
Ainda habitados, mas a natureza viva os surpreendeu...
Olhares buscaram fotografar o meio ambiente
Olhares sensíveis sentiram a mente com problemas,
Será que porque, como a natureza,
Também ousou ultrapassar a simetria do cotidiano?*

*Olhares buscaram o micro no macro da Unicamp
Outros olhares quiseram apenas se divertir e acabaram
Encontrando um dia diferente.
Sábado é dia de diversão na UNICAMP
Ciclistas, skatistas, nadadores, jogadores, felizes... sonhadores.
Olhares procuraram registrar o movimento da bola, encontraram o movimento
Da vida...
Olhares curiosos procuraram, se esticaram, escorregaram pelo chão e conseguiram!
A UNICAMP é um lugar muito mais bonito do que se imaginava
Olhares atentos procuraram por pequenos detalhes, aproximou,
Testou o zoom, unindo a tecnologia e a vida
Olhar de quem conhece a tecnologia registrou e olhares
Admirados da professora se deliciaram, provocando reflexões.
Foi uma manhã agradável
Ficamos a pensar que
Nossos alunos também ficam assim
Felizes, quando a aula é diferente e provoca sensações
E faz pensar,
e querer aprender
e querer mais...*

Que todos os educadores possam aguçar os olhares enquanto peregrinam pelos caminhos das unidades escolares captando elementos do cotidiano e tornando-os tão interessantes para si e para todos os envolvidos na ação educativa que seja irresistível não arriscar algo novo a cada dia.

Que todos os educadores busquem elementos para promover a participação efetiva dos alunos no processo de ensino aprendizagem e despertando uma grande paixão por aprender, sempre e cada dia mais.

Não desperdicemos as oportunidades que a vida nos dá e os encontros com o outro, outros olhares, outros saberes, outros fazeres. Em cada momento estejamos abertos a receber o melhor de cada um e de tudo que nos é proporcionado. O conhecimento é a porta de um longo caminho, novo a cada dia... aventuremo-nos por ele...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de Especialização em Pesquisa e Tecnologia na Prática Docente proporcionou-me muitas reflexões e possibilidades de rever minha prática enquanto educadora alfabetizadora. Quanto aos desafios pude comprovar a importância da formação continuada que nos proporciona dialogar com professores, autores e com nossos pares, adquirindo assim mais conhecimentos para aprimorar nossa prática. Os desafios também se fizeram presentes nas dificuldades em lidar com as novas tecnologias, uma vez que somos frutos da escola tradicional, onde o arriscar-se e aventurar-se não estavam presentes no nosso cotidiano escolar. Lembro-me do primeiro dia em que cheguei, uma semana depois que as aulas haviam começado, por um problema de comunicação: o curso teve sua data de início prorrogada e eu não havia recebido o comunicado. Sentei-me ao lado dos colegas, quase cinquenta em nossa turma, tensos, preocupados, assustados até diante do novo. E a professora conversando sobre os trabalhos que seriam realizados. Tentando entender o que acontecia, buscando me inteirar daquela nova realidade na sala de aula, fui totalmente desmotivada por alguns colegas que me diziam que não adiantava tentar acompanhar, pois eu já tivera duas faltas e os trabalhos já eram muitos e eu não poderia recuperar o tempo perdido. Olhei para aquela sala e revivi a experiência dos anos da graduação. Seria possível que mesmo em um grupo de educadores maduros que estavam ali por vontade própria, buscando novos conhecimentos para aperfeiçoar o trabalho pedagógico estariam presentes ainda o individualismo e a competitividade que foram tão negativas quando estivera no curso de graduação? Teriam sido tão marcantes essas características na formação de todos os educadores que mesmo com os anos de prática e experiência não seriam superados? Será que as experiências dos educadores não teriam sido suficientes para apagar as marcas de uma educação castradora e superar os desafios das novas propostas educacionais que consideram que a capacidade de relacionar-se com o outro, dialogar com diversos autores aliando-se as características e emoções do educador ao estabelecimento de comportamentos racionais são essenciais à identificação de origem dos erros, ilusões e cegueiras que impedem o saber científico?

Entendi naquele primeiro dia, a trajetória não seria fácil. Ao final da aula conversei com a professora explicando o motivo das faltas anteriores e procurei esclarecimentos sobre as propostas dos trabalhos que teria que realizar.

Nas primeiras semanas pude contemplar naquele grupo, atitudes de egocentrismo e necessidades de auto justificativas, tendências em projetar-se sobre o outro, confrontando-se sobre essas atitudes a educação do futuro, que existe entre os saberes desunidos, divididos, compartimentados e as realidades multidisciplinares, transversais, multidimensionais, globais e planetárias. A educação do futuro deve tornar evidente o contexto, o global, o multidimensional e o complexo.

Segundo Edgard Morin (2000), a educação do futuro deverá inspirar-se no princípio de Pascal⁶: *"sendo todas as coisas causadas e causadoras, mediatas e imediatas... considero ser impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tão pouco conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes"*. Unidades complexas como o ser humano ou a sociedade são multidimensionais. O ser humano é ao mesmo tempo biológico, psíquico, social; afetivo e racional. A sociedade comporta as dimensões histórica, econômica, sociológica e religiosa. Não se pode isolar uma parte do todo, mas sim as partes umas das outras e assim compreender as características individuais das pessoas que constituem um grupo.

No decorrer do curso, com os estudos e propostas de trabalhos em grupos, fomos nos constituindo grupo e em diversos momentos pudemos dialogar sobre as diferenças de compreensão de mundo e as contribuições dessas diferentes percepções, pois o fortalecimento da percepção global conduz ao fortalecimento da responsabilidade social, assim como ao fortalecimento da solidariedade.

Sendo a educação a grande responsável por compartimentar e não a unir os conhecimentos o ser humano é uma unidade complexa, que adquiriu um caráter desintegrado na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano.

⁶ Como teólogo e escritor destacou-se como um dos mestres do racionalismo e irracionalismo modernos e sua obra influenciou os ingleses Charles e John Wesley, fundadores da Igreja Metodista

Desta forma a condição humana deve tornar-se o objeto essencial em toda a aprendizagem. É possível, com base nas disciplinas atuais, reconhecer a unidade e a complexidade humana, reunindo e organizando conhecimentos dispersos nas ciências da natureza, nas ciências humanas, na literatura e na filosofia.

O curso nos proporcionou reflexões e trocas riquíssimas, tendo sido relatados depoimentos como:

"... ensinar através de projetos de metodologia científica realmente envolve mais os alunos. Eles realmente aprendem e não esquecem";

"... meus alunos passaram a se interessar muito mais pelas aulas"; "me apaixonei pela pesquisa e aprendo junto com meus alunos, utilizando biblioteca e a sala de informática".

Todos esses e muitos outros depoimentos me fizeram refletir sobre a minha trajetória. Eu realmente me identifiquei com a metodologia de pesquisa científica que o curso nos apresentou, e hoje eu entendo que a competência do professor para a escola atual perpassa pelo caminho da formação continuada e das propostas de metodologias que promovam a autonomia dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Infelizmente nem todos os colegas que iniciaram esse curso conseguiram superar as dicotomias dos estudos realizados e os desafios da prática diária. Nosso grupo, agora constituído, consciente das especificidades de cada sujeito se fortaleceu, mas não sem traumas ou dor.

Como em toda batalha nós também temos que contar com os prejuízos no percurso dessa jornada: perdemos companheiros de caminhada e o nosso grupo se reduziu a treze pessoas. Isso torna o título de especialista conquistado mais valorizado por termos vencido muitos obstáculos no decorrer dessa trajetória, mas carregará para sempre a saudade e a tristeza por não termos chegado todos, superando as dificuldades que poderiam ser amenizadas através de um maior envolvimento e ajuda mútua.

BIBLIOGRAFIA:

1. AMORIM, M. *O Pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa, 2001
2. ARROYO, M. G. *Ofício de mestre – Imagens e auto-imagens*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000
3. CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. 2ª ed. São Paulo: Ed.Ática, 1995
4. CUNHA, Maria Isabel. *O bom professor e sua prática*. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 1989.. 171-172
5. DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
6. DEMO, Pedro. Pesquisa: princípio científico e educativo. São Paulo: Cortez, 1990.
7. _____. Educar pela pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.
8. FREITAG, B. Escola, Estado e Sociedade. São Paulo: EDART, 1977.
9. *Desafios na Comunicação Pessoal*. 3ª São Paulo: Paulinas, 2007. MORSE, Willian C. Leituras da Psicologia Educacional. Tradução por Dante Moreira Leite. São Paulo: Ed. Nacional/Ed. Da USP, 1968.
10. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – Ensino de 1ª a 34ª série. Brasília: MEC/SEF, 1997
11. RANGEL, Mary. "Das Dimensões da Representação do "Bom Professor" às Dimensões do Processo de Ensino-aprendizagem". In TEVES, N. e RANGEL, M.(orgs.) Representação Social e Educação. Campinas, Papirus, 1999.
12. RIOS, Terezinha Azeredo. *Ética e competência*. 10. Ed. São Paulo: Cortez, 2001. – (Coleção Questões da Nossa Época; v.16).
13. SANCHES GAMBOA, Sílvio. Pesquisa em Educação: Métodos e epistemologias. Chapecó – SC: Argos, 2007.
14. SAVIANI, D. *O ensino básico e o processo de democratização da sociedade brasileira*: ANDE, São Paulo, 4(7): 9, 1984.
15. _____. *Escola e democracia*. 31. ed. Campinas: Autores Associados, 1997. (Polêmicas do Nosso Tempo) v. 5.
16. SCHON, D.A. (1995) *Formar professores como profissionais reflexivos*. Em A. Nóvoa, *Os Professores e a sua Formação*. Lisboa: Dom Quixote.

17. ZANETIC, J. Ciência, seu desenvolvimento histórico e social: implicações para o ensino. In Ciências na Escola de 1º Grau: textos de apoio à proposta curricular. São Paulo: SE, CENP, 1991.

ANEXOS

NAVIO NEGREIRO – CASTRO ALVES

'Stamos em pleno mar... Doudo no
espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do
firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardências,
— Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois
infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar. . . Abrindo
as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem? onde vai? Das naus
errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o
espaço?
Neste saara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir deste painel a majestade!
Embaixo — o mar em cima — o
firmamento...
E no mar e no céu — a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a
brisa!

Que música suave ao longe soa!
Meu Deus! como é sublime um canto
ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! ó rudes
marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos!

Esperai! esperai! deixai que eu
beba
Esta selvagem, livre poesia
Orquestra — é o mar, que ruge pela proa,
E o vento, que nas cordas assobia...

Por que foges assim, barco
ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar-te a
esteira
Que semelha no mar — doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do
oceano,
Tu que dormes das nuvens entre as
gazas,
Sacode as penas, Leviathan do espaço,

Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas.

II

Que importa do nauta o berço,
Ama a cadência do verso
Que lhe ensina o velho mar!
Cantai! que a morte é divina!
Resvala o brigue à bolina
Como golfinho veloz.
Presa ao mastro da mezena
Saudosa bandeira acena
As vagas que deixa após.

Do Espanhol as cantilenas
Requebradas de langor,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor!
Da Itália o filho indolente
Canta Veneza dormente,
— Terra de amor e traição,
Ou do golfo no regaço
Relembra os versos de Tasso,
Junto às lavas do vulcão!

O Inglês — marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou,
(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entoa pátrias glórias,
Lembrando, orgulhoso, histórias
De Nelson e de Aboukir..
O Francês — predestinado —
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir!

Os marinheiros Helenos,
Que a vaga jônia criou,
Belos piratas morenos

Do mar que Ulisses cortou,
Homens que Fídias talhara,
Vão cantando em noite clara
Versos que Homero gemeu ...
Nautas de todas as plagas,
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do céu! ...

III

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!

Desce mais ... inda mais... não pode olhar humano

Como o teu mergulhar no brigue voador!
Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!

É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ...
Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus!
Que horror!

IV

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas

Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica,
estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Preso nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra,
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica,
estridente.
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Qual um sonho dantesco as sombras
voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...

V

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
Ó mar, por que não apagas

Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são? Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto,
Onde a terra esposa a luz.
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão.
Ontem simples, fortes, bravos.
Hoje míseros escravos,
Sem luz, sem ar, sem razão. . .

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também.
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm...
Trazendo com tábios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma — lágrimas e fel...
Como Agar sofrendo tanto,
Que nem o leite de pranto
Têm que dar para Ismael.

Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no país,

Nasceram crianças lindas,
 Viveram moças gentis...
 Passa um dia a caravana,
 Quando a virgem na cabana
 Cisma da noite nos véus ...
 ... Adeus, ó choça do monte,
 ... Adeus, palmeiras da fonte!...
 ... Adeus, amores... adeus!...

Depois, o areal extenso...
 Depois, o oceano de pó.
 Depois no horizonte imenso
 Desertos... desertos só...
 E a fome, o cansaço, a sede...
 Ai! quanto infeliz que cede,
 E cai p'ra não mais s'erguer!...
 Vaga um lugar na cadeia,
 Mas o chacal sobre a areia
 Acha um corpo que roer.

Ontem a Serra Leoa,
 A guerra, a caça ao leão,
 O sono dormido à toa
 Sob as tendas d'amplidão!
 Hoje... o porão negro, fundo,
 Infecto, apertado, imundo,
 Tendo a peste por jaguar...
 E o sono sempre cortado
 Pelo arranco de um finado,
 E o baque de um corpo ao mar...

Ontem plena liberdade,
 A vontade por poder...
 Hoje... cúm'lo de maldade,
 Nem são livres p'ra morrer.
 Prende-os a mesma corrente
 — Férrea, lúgubre serpente —
 Nas roscas da escravidão.
 E assim zombando da morte,
 Dança a lúgubre coorte
 Ao som do açoute... Irrisção!...

Senhor Deus dos desgraçados!
 Dizei-me vós, Senhor Deus,
 Se eu deliro... ou se é verdade
 Tanto horror perante os céus?!...
 Ó mar, por que não apagas
 Co'a esponja de tuas vagas
 Do teu manto este borrão?
 Astros! noites! tempestades!
 Rolai das imensidades!
 Varrei os mares, tufão! ...

VI

Existe um povo que a bandeira empresta
 P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
 E deixa-a transformar-se nessa festa
 Em manto impuro de bacante fria!...
 Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é
 esta,
 Que impudente na gávea tripudia?
 Silêncio. Musa... chora, e chora tanto
 Que o pavilhão se lave no teu pranto! ...

Auriverde pendão de minha terra,
 Que a brisa do Brasil beija e balança,
 Estandarte que a luz do sol encerra
 E as promessas divinas da esperança...
 Tu que, da liberdade após a guerra,
 Foste hasteado dos heróis na lança
 Antes te houvessem roto na batalha,
 Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente
 esmaga!
 Extingue nesta hora o brigue imundo
 O trilho que Colombo abriu nas vagas,
 Como um íris no pélago profundo!
 Mas é infâmia demais! ... Da etérea plaga
 Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
 Andrada! arranca esse pendão dos ares!
 Colombo! fecha a porta dos teus mares!



FOTO 1 - Meus bisavós paternos
Os espanhóis – Zoilo Galan Gutierrez e Aniana Galan
ano (PROVÁVEL) de 1880



FOTO 2 - Meus pais – Beatriz Marchetti Medina e José Medina Garcia
Eu e minha irmã Marisa
Ano? ...hum... tá bom vai - 1966.



FOTO 3 - Casamento de José Medina Garcia e Beatriz Marchetti
Medina – meus pais – maio de 1964



FOTO 4 - José Medina Garcia
Mocinho em cena – década de 60

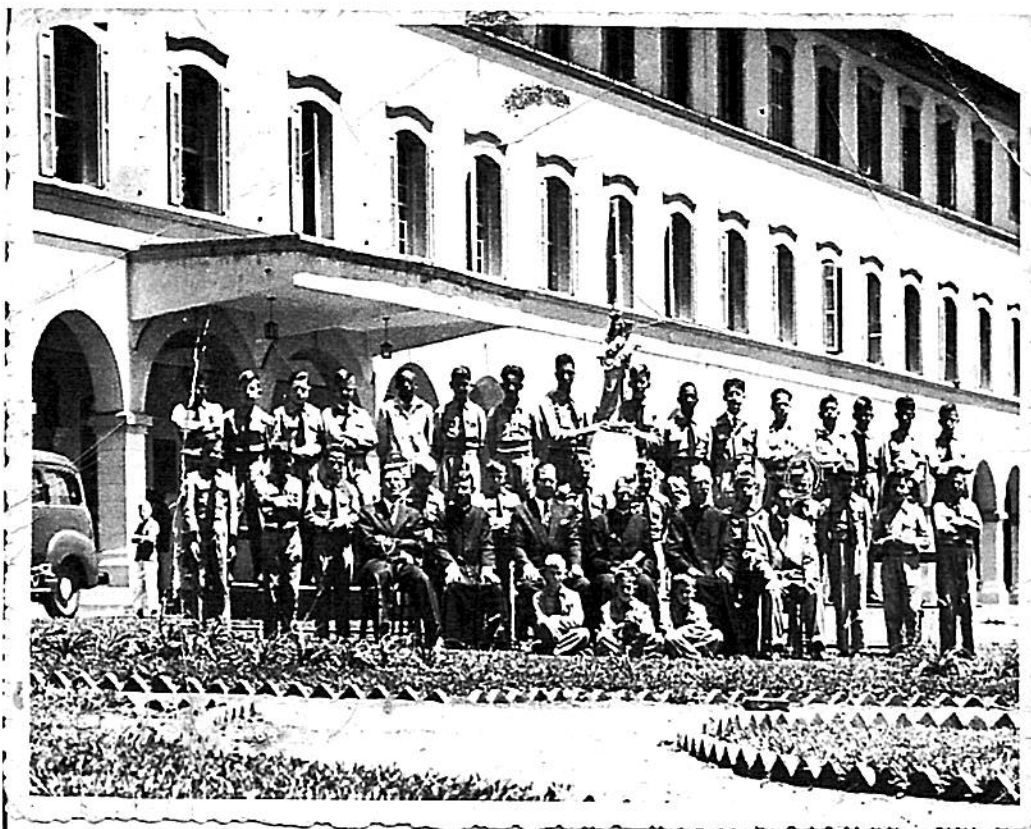


FOTO 5 - José Medina Garcia – meu pai
Aluno do Curso Profissionalizante do
Colégio Salesiano de Campinas- 1948

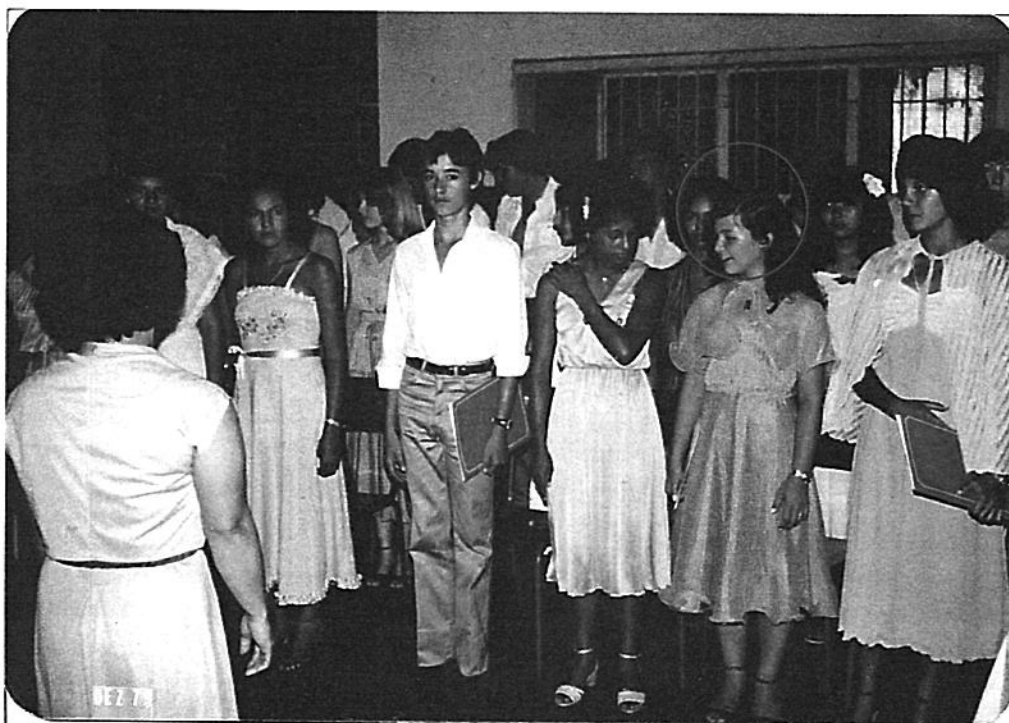


FOTO 6 - Escola Estadual de 1ª Grau "31 de Março"
Jardim Santa Mônica – Campinas – SP Formatura 8ª série – ano 1978



FOTO 7 - Alunos do 1ª ano A – EMEF Dr. Edson Luis Chaves
Parque Ecológico de Campinas - SP
2008



FOTO 8 - Feira de Ciências – 2008
Curso de Especialização Pesquisa e Tecnologia na Prática Docente
Faculdade de Educação UNICAMP / Prefeitura Municipal de Campinas



FOTO 9 - Alunos do 1ª ano da EMEF Dr. Edson Luis Chaves e Professora Márcia
Parque Ecológico – 2008



FOTO 10 - Curso de Especialização em Pesquisa e Tecnologia
Na Prática Docente – UNICAMP - 2008

Quem é o bom professor?

Um percurso através da escrita de si e uma reflexão auto-hetero-bio-gráfica



Universidade Estadual de Campinas - Secretaria Municipal de Educação de Campinas
Faculdade de Educação - Profª Dra. Afira Vianna Ripper
Curso de Especialização "Pesquisa e Tecnologia na Formação Docente"
Márcia Helena Medina Dias - orientadora: Profª Drª Angela Soligo

Ciência  Escola
na

Resumo

Para o escritor Ruben Alves, a escola ideal é aquela em que sejam cultivados a sabedoria de viver junto, a arte de pensar e o prazer de ler. Segundo ele o principal na questão da escola é a questão da formação do bom professor, pois de nada adianta toda a modernidade e tecnologia, ou as leis, se tudo isso não se realiza de forma que o educador seja motivado a construir uma escola diferente. Ele utiliza a metáfora da gaiola e do pássaro que quer ensinar a voar, compara a escola com a gaiola, onde os professores ficam aprisionados como pássaros, a gaiola da grade curricular e o ensino torna-se o processo de repetição. O educador é formado dentro dessa perspectiva e para se tornar agente de transformação é necessário que aprenda a voar. (Folha de S. Paulo, Tendências e debates, 05/12/2001).

O modelo de bom professor depende dos vários papéis que ele exerce enquanto ser social e depende também dos papéis dos demais protagonistas da ação educativa, ou seja, depende da forma como o ideal de bom professor é construído socialmente dentro de um determinado contexto cultural.

Dentro dessa perspectiva é possível entender que um bom professor se constitui através de sua formação pessoal, dentro e fora da instituição denominada "escola", através de suas crenças pessoais a respeito da educação e do mundo.

Este trabalho descreve e analisa o percurso auto-hetero-bio-gráfico que me constituiu educadora e apresenta práticas educativas de educadores que se constituíram "bons", segundo as representações que os alunos têm a respeito dos professores, por meio de uma metodologia de trabalho que envolve a pesquisa científica e as novas tecnologias utilizadas em educação...

A metodologia foi delineada a partir de entrevistas, observações, relatos de experiências realizados no decorrer do curso, com educadoras do ensino fundamental, colegas de trabalho e do próprio curso, cujas práticas despertaram o meu interesse pelos assuntos estudados, metodologias utilizadas e resultados obtidos.

Olhares e diálogos

Nessa pesquisa foram priorizadas a formação do professor, sua formação enquanto profissional e ser humano, bem como sua prática educativa.

Tomando por base a dimensão social da educação, pretende-se compreender as competências do bom professor como um processo de formação e sua influência nos ideais pedagógicos, buscando caminhos para a realização dos objetivos educacionais. Nessa perspectiva surgem algumas questões:

➤ Como as relações familiares e escolares podem influenciar na formação pessoal e profissional do educador?

➤ Entendendo que toda competência profissional tem uma dimensão técnica que diz respeito ao conhecimento que os indivíduos devem possuir, aos métodos que devem estar proporcionando uma articulação desses conhecimentos ao contexto no qual se exerce a prática. Como se dá essa articulação entre o SER, e os fazeres e saberes da ação educativa?

As análises se nortearam pelas teorizações dos filósofos Silvio Gallo, Michel Foucault, Friedrich Nietzsche, Gilles Deleuze, Paulo Freire, dentre outros, inclusive os professores e colegas educadores com os quais dialogamos no decorrer desse Curso de especialização.

"A capacidade de mudança postulada nos procedimentos de formação pelas "histórias de vida" repousa sobre o reconhecimento da vida como experiência formadora e da formação como estrutura da existência" (Delory-Momberger, 2008, p.99).



A grande questão que se apresenta...

Qual é a noção de competência que serve ao nosso tempo,
à nossa sociedade, à nossa escola?

PÔSTER APRESENTADO NA FEIRA CIENTÍFICA EM NOVEMBRO DE 2009